

Trajetórias do olhar: as construções imagéticas da cidade de São Paulo nas obras de Claude Lévi-Strauss

THAINÃ TEIXEIRA CARDINALLI*

*“No meio de tanta filosofia, de tanta humanidade,
de tanta civilização e máximas sublimes, só temos um exterior
frívolo e enganoso, honra sem virtude, razão sem sabedoria e
prazer sem felicidade.”*

Rousseau, *Discurso sobre a Origem*.

O diálogo entre as produções de Claude Lévi-Strauss e a teoria rousseuniana é amplamente conhecido através das bibliografias acadêmicas. Os ensinamentos de Rousseau considerados pelo antropólogo como precursores da etnologia moderna, o auxiliam nas suas reflexões antropológicas tanto quanto nos seus deslocamentos intelectuais e/ou físicos em direção a sociedades nativas. É importante pontuar que no célebre livro *Tristes Trópicos* (1955), Lévi-Strauss conta que durante as viagens pelo Brasil, visitou tribos indígenas ainda distantes do contato com o “homem branco” e desses encontros recupera a memória das teorias de Rousseau sobre o “bom selvagem”. O filósofo francês apresenta n’*O Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1755) suas suposições a respeito de como viviam os homens antes de formar a sociedade civil; o “estado de natureza” imaginado pelo autor, trata-se de um período da história da humanidade em que havia harmonia entre os seres humanos e a natureza, e ausência de comunidades humanas. Esse estágio natural é aclamado por Rousseau, que, na linha contrária dos filósofos iluministas embebidos nas noções de racionalidade do ser humano, entendia que a passagem para a sociedade civil está ancorada na desigualdade entre os homens e não na sua libertação. Para o filósofo, o homem ao ser transformado em um ser social acaba se deteriorando, pois perde o amor de si e a compaixão (“pitié”). (ROUSSEAU, 1978:259). Os aportes metodológicos utilizados por Rousseau para entender a sua sociedade situam-se num momento em que os pensadores franceses questionavam os direitos políticos e ao mesmo tempo

* Mestranda em História pela Universidade de Campinas (Unicamp). Esse texto apresenta parte das discussões elaboradas no decorrer na pesquisa de mestrado financiada pela FAPESP, cujo título é "A Triste Paulicéia - A imagem de São Paulo na década de 1930, no diálogo entre Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss".

mobilizavam conceitos e correntes filosóficas para compreender a origem da sociedade civil e a instauração das instituições estatais. Essas discussões tinham como plano de fundo as disputas políticas acerca da legitimidade da monarquia absolutista, o que culminou posteriormente na Revolução francesa (1789) e na instauração do regime republicano na França (1792).

O recuo, no entanto, de Lévi-Strauss as obras rousseauianas não é ao acaso, vincula-se ao livro de relatos de viagens produzido alguns anos depois das experiências do antropólogo ao redor do mundo.¹ As expedições aos trópicos assim como a regiões do Oriente Médio o despertam um sentimento melancólico, pois percebia que as culturas que conheceu corriam o risco de desaparecer. Enquanto Lévi-Strauss apresenta as cidades visitadas durante a década de 1930 como espaços em intensa transformação urbana e social, do outro lado, descreve as tribos indígenas do Brasil envoltas num processo de decadência e destruição causadas por doenças, alcoolismo e perda de suas terras. As viagens ao Paquistão e a Índia, por sua vez, organizadas pela ONU em 1950 deslocam novamente Lévi-Strauss para as pesquisas de campo, encarregado nesse momento de realizar observações técnicas sobre as condições sociais e econômicas dessas regiões. O contato do antropólogo com outras sociedades desperta o interesse em encontrar costumes e tradições diferentes dos seus, mas ao contrário das suas expectativas, descobre nas comunidades orientais reflexos dos comportamentos e valores ocidentais.

As angústias trazidas por meio destes encontros e desencontros do antropólogo consigo mesmo, com a sua civilização e com as sociedades nativas são recuperados em *Tristes Trópico* sob um olhar melancólico e nostálgico. Como então não lamentar pela descoberta do Novo Mundo, que abriu novos horizontes para as discussões filosóficas e as noções de alteridade, e ao mesmo tempo contribuiu para a diminuição ao longo dos anos das populações indígenas? Ou, por outro lado, como não sentir mágoas pela cultura islâmica que abriga valores de intolerância em relação ao não-muçulmano –

¹ Claude Lévi-Strauss se apropria das discussões de Rousseau em outras obras, tais quais, *As estruturas elementares do parentesco* (1949), *Raça e História* (1952) e *Antropologia estrutural II* (1962).

mesmos princípios revestidos às nações europeias nas disputas imperialistas? Suas reflexões angustiadas ao perceber os estragos feitos pela civilização ocidental às culturas do Novo Mundo tanto quanto as do Oriente o reportam às ideias de Rousseau. Lévi-Strauss se apropria do filósofo francês para questionar a racionalidade do ser humano – sinônimo aqui do europeu, branco e colonizador –, o qual se considera superior às outras sociedades e capaz de aniquilar, destruir e subjugar o outro. Para o etnólogo que durante suas pesquisas de campo já se defrontava com o desaparecimento do seu objeto de estudo, as problemáticas de Rousseau difundidas há quase dois séculos atrás, tornam-se contemporâneas e contribuem para a formação do olhar melancólico de *Tristes Trópicos*.

Por meio desses ressentimentos e angústias que começo finalmente minhas incursões nas imagens de São Paulo nas obras de C. Lévi-Strauss. O sentimento de tristeza do antropólogo ao rememorar suas vivências na capital paulista está presente tanto nos relatos de *Tristes trópicos* e *Saudades de São Paulo* quanto nas entrevistas concedidas ao longo da sua vida. Nessas produções, constrói uma imagem cristalizada de São Paulo formada, de um lado, através da mesma sequência de fatos que marcaram sua estadia: o telefonema do seu orientador, Célestin Bouglé, no outono de 1934, o convidando para integrar a missão francesa; os problemas com o professor de sociologia na USP²; a descrição dos alunos do curso de sociologia, os quais desconheciam as obras clássicas de filosofia, entretanto, tinham um vasto conhecimento sobre as novas teorias; as pesquisas de campo solicitadas aos seus alunos, propondo que observassem a rua em que moravam, as construções e os mercados mais próximos; e por fim, a amizade com Mário de Andrade e Paulo Duarte, lembrando do interesse comum por estudos sobre manifestações folclóricas. Por outro lado, Lévi-Strauss descreve São Paulo a partir do seu desenvolvimento acelerado, ressaltando que, nos anos em que morou na capital paulista, a cidade sofreu diversas mudanças urbanas. Para ele, estas transformações tratavam de apagar os vestígios do passado e de moldar a cidade enquanto um simulacro de construções erguidas rapidamente, que logo após

² O desentendimento de C. Lévi-Strauss com P. Arrousse-Bastide inicia-se quando este desaprova os cursos do etnólogo francês, que ocultavam autores como Durkheim e Comte em detrimento de uma bibliografia inspirada em autores norte-americanos.

serem edificadas “as fachadas descascam, a chuva e a fuligem traçam seus sulcos, o estilo sai de moda e ornamento primitivo desaparece (...)” (LÉVI-STRAUSS, 1996a:91-92). Lévi-Strauss, portanto, constrói uma mesma sequência de imagens para representar São Paulo: a enumeração de determinados acontecimentos da sua estadia e a caracterização da cidade como um lugar de contrastes, apagamentos e renovações.

Estas formas de narrar a cidade de São Paulo através de imagens divergentes e melancólicas, aparecem, primeiramente, em *Tristes Trópicos* e se repetem nas obras e entrevistas posteriores ao livro de relato de viagens. Cabe ressaltar que cada uma dessas produções foi elaborada em momentos distintos da carreira pessoal e profissional do antropólogo, o que poderia suscitar novos modos de relatar a cidade e/ou refletir sobre as suas experiências no Brasil. No entanto, Lévi-Strauss evidencia nas representações de São Paulo determinados elementos da cidade assim como incita nessas descrições um tom nostálgico e angustiado frente as transformações urbanas. Desse modo, pretendo no presente artigo desvendar se as construções imagéticas de Lévi-Strauss se relacionam diretamente com as experiências em São Paulo na década de 1930 ou se suas lembranças da cidade são atravessadas por outros sentimentos, referências literárias, aportes metodológicos e lugares visitados.

Afim de observar tais questionamentos dentro das obras do antropólogo e, da mesma forma, como constrói as imagens da cidade, dividirei o texto em três partes, que representam distintos momentos da trajetória de Lévi-Strauss: o primeiro período corresponde a vinda do antropólogo ao Brasil e suas vivências na cidade; em seguida me deterei sobre os anos em que precedem a escrita de *Tristes Trópicos* bem como sobre a sua produção; e o último momento inclui o final da década de 1970 até a morte do antropólogo em 2009, onde se destacam a produção das obras de fotografias, *Saudades do Brasil* e *Saudades de São Paulo*, e as cinco viagens ao Japão, as quais permitiram à Lévi-Strauss reafirmar suas imagens de São Paulo descritas nas outras produções e ao mesmo tempo, entender seus incômodos com a cidade paulista.

Expectativas do jovem etnólogo no Brasil

A vinda de Lévi-Strauss ao Brasil, bastante comentada na bibliografia sobre o autor, relaciona-se a uma série de trocas científicas e parcerias diplomáticas entre os intelectuais paulistas e as instituições governamentais francesas.³ O jovem professor de filosofia chega ao país para lecionar sociologia na recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e nas horas vagas, realizar etnografias de sociedades nativas, que viviam - conforme lhe haviam prometido - nos arredores de São Paulo. Apesar da sua formação em filosofia, Lévi-Strauss começa a se aproximar das temáticas antropológicas ainda no território francês como pode-se observar através dos seus cursos no liceu de Mont-de-Marsan (1932-33) que propunham estudos sobre parentesco. Este momento de aprimoramento acadêmico e de organização das temáticas do seu curso conjuga, como elucida a antropóloga Fernanda Peixoto no artigo *Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo* (1998), com a difusão das ideias de Durkheim e dos seus seguidores no meio intelectual francês. Nas primeiras décadas do século XX, houve diversos movimentos para a institucionalização da etnologia francesa, que resultaram na criação do Instituto de Etnologia pelos pesquisadores Mauss, Lévy-Bruhl e P. Rivet, em 1925, na reorganização do Museu de Etnografia do Trocadéro e na eleição de Mauss, discípulo de Durkheim, para lecionar no Collège de France, em 1935 (PEIXOTO, 1998:82). Lévi-Strauss completa ainda na entrevista com D. Eribon que nessa época se interessava também pelos antropólogos anglo-saxões como R. Lowie, cuja obra *Tratado de sociologia primitiva* (1919) propunha a junção entre a pesquisa empírica e os fundamentos teóricos (LÉVI-STRAUSS e ERIBON, 2005:31).

As leituras antropológicas bem como os estudos realizados pelos pesquisadores franceses com as populações nativas farão parte do imaginário de Lévi-Strauss antes da viagem ao Brasil e sem dúvida, o motivam a realizar seus próprios trabalhos de campo.

³ Sobre as políticas francesas de incentivo a trocas científicas com os países da América Latina, na primeira metade do século XX, consultei: HAMBURGUER, Amélia Império, DANTES, M. Amélia, PATY, Michel e PETITJEAN, Patrick. **A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 1996; MARTINIÈRE, Guy. **Aspects de la coopération franco-brésilienne - Transplantation culturelle et stratégie de la modernité**. Grenoble: Presses universitaires de Grenoble. Paris: Ed. de la Maison des sciences de l'homme, 1982 e PETITJEAN, Patrick. Le groupement des universités et grandes écoles de France pour les relations avec L'Amérique latine, et la création d'instituts à Rio, São Paulo et Buenos Aires (1907/1940). In: **Anais do Segundo Congresso Latino-Americano de História da Ciência e da Tecnologia, 30 de junho a 4 de julho**. São Paulo: Nova Stella, 1989

Assim, desde o começo da estadia no país, o antropólogo mobilizou recursos e contou com apoios de estudiosos nacionais para executar suas pesquisas com tribos indígenas. Em companhia de sua esposa, Dina Lévi-Strauss que era formada em etnografia e havia assistido as aulas de P. Rivet no Musée de l'Homme, o antropólogo realizou diversas expedições pelo país: nos arredores do estado de São Paulo, pelo interior do Paraná conjuntamente com seus alunos e P. Monbeig, professor de geografia da USP, e, da mesma forma, executou duas grandes viagens exploratórias pelo centro-oeste, em 1936 e 1938.

Durante sua permanência no Brasil, Lévi-Strauss estava preocupado em estudar as comunidades indígenas, os costumes e as tradições populares. Esses temas de pesquisa o aproximam do grupo de intelectuais ligados ao Departamento de Cultura do município de São Paulo como Mário de Andrade, Paulo Duarte e Sérgio Milliet. As descobertas antropológicas de Lévi-Strauss contribuía com as discussões desses intelectuais, que almejavam mapear, catalogar e analisar as tradições, ritos e folclores da nossa população. Cabe lembrar que o antropólogo francês e sua esposa participaram ativamente das atividades do Departamento de Cultura, sendo que Dina Lévi-Strauss ministrou, durante um ano, um curso de etnografia para os alunos e professores da USP, e funcionários do órgão municipal. Assim se, de um lado, o antropólogo chega ao país motivado pelos debates etnológicos promovidos na França, do outro, encontra ressonância das suas leituras nos meios intelectuais paulistas, que estavam em estreito contato com as bibliografias discutidas na Europa. A biblioteca de Mário de Andrade, diretor do Departamento de Cultura entre 1935 e 1938, pode nos revelar que o literato também lia as obras antropológicas estudadas por Lévi-Strauss na década de 1930, tais quais *Les formes élémentaires de la vie religieuse* de E. Durkheim (edição de 1925), *La mythologie primitive* de L. Lévy-Bruhl (ed. 1935) e *Traité de sociologie primitive* de R. Lowie (ed. 1936).

Apesar do antropólogo deslocar seu olhar para o estudo das comunidades indígenas, outros objetos o suscitam interesse, tais quais, os processos urbanos da capital paulista. As transformações de São Paulo percebidas através das andanças pela

cidade, dos relatos literários e das mídias impressas se tornam alvo de interesse do jovem professor. Suas curiosidades pelos movimentos culturais, sociais e urbanos da cidade parecem nos pequenos fragmentos encontrados no arquivo de Lévi-Strauss depositado na Biblioteca Nacional da França. No seu acervo há desde desenhos das ruas e avenidas principais de São Paulo feitos por ele até recortes de jornal da época em que viveu no Brasil, dentre eles, destaco uma notícia sobre o aumento do número de construções licenciadas na capital paulista.⁴ Além dos jornais que mostravam as mudanças quotidianas da cidade, o antropólogo tinha acesso a *Revista do Arquivo Municipal* pertencente ao Departamento de Cultura, que apresentava debates, pesquisas e dados estatísticos sobre São Paulo.⁵ No periódico concentravam-se estudos sobre a configuração dos bairros, o contingente populacional de imigrantes, o nível educacional das crianças da capital, o padrão de vida dos trabalhadores e diversas outras problemáticas. A publicação de ensaios sobre São Paulo culmina com as propostas da gestão municipal em parceria com as seções administrativas do Departamento de Cultura que procuravam identificar os problemas da cidade afim de resolvê-los de forma mais eficiente.⁶ O crescimento rápido da cidade paulista preocupava seus administradores, uma vez que com o aumento populacional, os novos empreendimentos urbanos e o desenvolvimento do comércio somavam-se, na mesma intensidade, os problemas sociais: falta de moradia adequada, crescimento desproporcional das regiões urbanas, intensificação da desigualdade social e dificuldades de circulação.

A cidade de São Paulo teve um grande salto populacional no começo do século XX, passando de pouco mais de meio milhão de habitantes em 1918 para 1.120.400 em 1935 (SOUZA, 2004: 520). As pesquisas do historiador Michael Hall sobre imigração completam esses dados, apontando que em 1934, 67% da população da capital era composta por estrangeiros ou filhos de estrangeiros (HALL, 2004: 260). Enquanto no

⁴ Fonte: dossiê NAF 28150 (90) do Fundo Cl. Lévi-Strauss da Biblioteca Nacional da França.

⁵ O antropólogo francês publicou cinco artigos nesse periódico: *O Cubismo e a vida cotidiana* (1935), *Em prol de um Instituto de Antropologia Física e Cultural* (1935), *Contribuição para o Estudo da Organização Social Bororo* (1936), *A Propósito da Civilização Chaco-Santiguense* (1937) e *Guerra e Comércio entre os Índios da América do Sul* (1942).

⁶ Sobre a gestão municipal de Fábio Prado e as transformações administrativas ocorridas durante seu mandato consultar SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (org.). São Paulo 1934 – 1938. Os anos da Administração Fábio Prado. São Paulo: USP/ FAU, 1999.

campo populacional tornava-se latente os problemas advindos pelo crescimento do número de habitantes, no âmbito espacial, as novas construções e as renovações dos edifícios e bairros moldavam o cenário urbano assim como evidenciavam os conflitos políticos e sociais. A notícia conservada por Lévi-Strauss no seu arquivo representa um bom exemplo dessas alterações urbanas, ao apresentar os dados oficiais das construções licenciadas da cidade: São Paulo possuía em 1933 3.104 novas construções licenciadas passando para 4.592 em 1934 e no ano seguinte, 5.190. As transformações que ocorriam na capital paulista eram, portanto, presenciadas pelo antropólogo francês que além de observar estes processos, se propôs a estudá-los com seus alunos através dos cursos ministrados na USP.

Nos relatos de Lévi-Strauss produzidos posteriormente a estadia no Brasil, se lembra dos trabalhos de campos sugeridos aos seus estudantes para que observassem e descrevessem “a repetição no espaço dos tipos de habitação, das categorias sociais e econômicas, das atividades profissionais etc.” (LÉVI-STRAUSS, 1996b:14). O antropólogo recorda ainda na introdução de *Saudades de São Paulo* que nesta época se interessava pelos estudos dos autores da “escola dita de Chicago”, os quais serviam de aporte metodológico para compreender os processos urbanos de cidades com desenvolvimento acelerado (1996b: 14). Os manuscritos dos seus cursos de sociologia na USP reafirmam essas lembranças, uma vez que utilizava das pesquisas de R. Park, C. Wissler e E. Burgers com o intuito de apresentar as noções de comunidade, cidade, caracterização dos bairros e mobilidade. Lévi-Strauss mostrava, assim, como esses conceitos apareciam nas metrópoles modernas, Chicago, Nova York, Paris e São Paulo. Por exemplo, numa das suas aulas sobre cidades, Lévi-Strauss expõe o conceito de *voisinage* (vizinhança), que para os teóricos de Chicago tem uma função essencial nas aglomerações urbanas, pois seria a forma mais simples de associação entre os habitantes. De acordo com Park, nessas associações locais que se discute os interesses dos moradores e onde se manifestam, em menor escala, as negociações políticas e sociais da cidade (PARK, 2009:89)⁷. Ao mesmo tempo em que as associações de

⁷ Cabe ressaltar que nos manuscritos dos cursos na USP, Lévi-Strauss cita alguns trabalhos dos autores norte-americanos: “R. Park. The City”, vulgo *The City: Suggestions for the Investigations of Human*

voisinage garantem a união e o sentimento de pertencimento dos indivíduos dentro das suas localidades, ameaçam a configuração da cidade ao criarem grupos sociais separados. Tal fato pode ser observado, como aponta Lévi-Strauss, em São Paulo na formação de bairros especializados (*quartiers spécialisés*), o Bráz, ou de bairros de residência (*quartiers de residence*), o Jardim América.

Durante a permanência no Brasil e com o apoio metodológico dos sociólogos de Chicago, o jovem professor se propôs a estudar as transformações de São Paulo, de modo que nos cursos de sociologia trazia livros, leituras e exemplos dos processos urbanos para que seus alunos pudessem realizar trabalhos de campo. Os movimentos sociais, culturais e urbanos que se desenvolviam na cidade paulista interessavam o antropólogo, que neste momento preocupava-se em propor pesquisas empíricas e estudos das regiões da cidade e das dinâmicas da população paulista. Aliás mesma curiosidade despertada em Lévi-Strauss para com as tribos indígenas, pois vem ao Brasil motivado pelos trabalhos de campos dos antropólogos franceses e anglo-saxões, e com a finalidade de descobrir e conhecer sociedades nativas no interior do país. Os estudos da cidade de São Paulo, cuja configuração urbana e social se diferencia das cidades europeias, se inserem perfeitamente nas propostas de Lévi-Strauss de apreender sobre o Outro, o exótico e o distante representado pelo imaginário do Brasil.

Entre distanciamentos e escritas de si: reflexões sobre *Tristes Trópicos*

Enquanto a estadia nos trópicos contribuiu para as descobertas e estudos de Lévi-Strauss sobre as sociedades nativas e as tradições populares, o segundo momento da sua trajetória recupera estas vivências para a escrita de *Tristes Trópicos*. Os anos que seguem o retorno à França (1939) até a produção do livro de relatos de viagens em 1955, simbolizam um período de intensas mudanças na vida do antropólogo: o exílio nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, as dificuldades financeiras, o fracasso na candidatura do Collège de France (1949-50) e a morte de seu pai (1953).

Behavior in the Urban Environment (1925), “R. Park and Burgers. Urban Community”, que corresponde ao texto *The Urban Community as a Spatial Pattern and a Moral Order* (1926) e “Park. Urbanization and newspaper circulation. *Ame. Journal Anthropology*” (1929). Fonte: dossiê NAF 28150 (90) do Fundo Cl Lévi-Strauss da Biblioteca Nacional da França.

Dentro dessa atmosfera conturbada tanto no âmbito pessoal quanto profissional que surge o convite de Jean Malaurie, geógrafo e historiador francês, para Lévi-Strauss relatar sobre suas experiências etnológicas. Os relatos do antropólogo francês, como explica P. Wilcken na biografia de Lévi-Strauss, integrariam a série *Terre Humaine*, coletânea dedicada a publicação de obras intelectuais e autobiográficas de viagens exploratórias a sociedades distantes (WILCKEN, 2011:200).⁸

Lévi-Strauss escreveu – como relembra em diversas entrevistas – *Tristes Trópicos* no inverno de 1954-55 e após a publicação, o livro teve grande recepção no meio acadêmico assim como leigo na França. O sucesso da produção decorre, dentre outros fatores, do seu formato: o cruzamento de descrições empíricas e observações de campo com reflexões do autor. Este caráter dúbio do texto permitirá a Lévi-Strauss construir suas imagens de São Paulo, de forma que utiliza de determinados acontecimentos e experiências passadas, e opiniões atuais para conduzir seus leitores as representações que deseja evidenciar da cidade. Os estudos dos seus alunos e os mapas desenhados a mão da capital paulista assim como as vivências em São Paulo na década de 1930 são retrabalhados por Lévi-Strauss durante a produção do livro⁹, no entanto, outros sentimentos, angústias e leituras atravessarão seus relatos e contribuirão, da mesma forma, para a criação das suas imagens da cidade.

A obra *Tristes Trópicos* divide-se, assim, em três grandes partes, a primeira dedicada ao retorno a França, as dificuldades para entrar nos Estados Unidos no período da Segunda Guerra e as reflexões acerca do trabalho do etnógrafo; em seguida, o antropólogo relata sobre as experiências nos trópicos, descrevendo as cidades as quais

⁸ P. Wilcken sinaliza que a coleção *Terre Humaine*, além de *Tristes Trópicos*, publicou as seguintes obras, *Les Derniers Rois de Thulé* de Jean Malaurie, *Os Imemoriais* de Victor Segalen e *Afrique ambiguë* de Georges Balandier (WILCKEN, 2011:201).

⁹ Pontuo que durante o meu estágio de pesquisa na França – bolsa de pesquisa no exterior concedida pela Fapesp -, consultei os documentos de Cl. Lévi-Strauss depositados na Bibliothèque Nationale de France. Em específico, o dossiê em que contém os manuscritos de *Tristes Trópicos*, o antropólogo guardou os materiais que fez enquanto estava no Brasil, os quais o auxiliaram na elaboração do livro. Assim, encontrei alguns mapas desenhado por Lévi-Strauss da região central de São Paulo mostrando as ruas principais, av. São João, av. Brigadeiro Antonio Luiz, Av. Paulista etc; fragmentos dos seus cadernos de viagens, papéis com anotações diversas como traduções de palavras em português e rascunhos da organização dos capítulos do livro.

visitou e as tribos indígenas que conheceu, os Cadieu, Bororo, Nambiquara e Tupi-Cavaíba; e por fim, Lévi-Strauss traz recordações das viagens feitas pelo Oriente. Dentro dessas reflexões intimistas dos seus deslocamentos a regiões distantes bem como dos estudos etnográficos das sociedades nativas, que se insere as narrativas de São Paulo. O capítulo dedicado a capital paulista inicia-se com uma apresentação geral da cidade, comparando, primeiramente, o crescimento das cidades americanas – Chicago, Nova Iorque e São Paulo – com o das aglomerações urbanas da Europa. De acordo com o antropólogo, as cidades do Novo Mundo passavam por um movimento constante de renovações e construções de novos edifícios e bairros, o que se diferenciava das cidades do Velho Mundo, pois, como continua Lévi-Strauss,

“[...] Não são cidades novas contrastando com cidades velhas; mas cidades com ciclo de evolução curtíssimo, comparadas com cidades de ciclo lento. Certas cidades da Europa adormecem suavemente na morte; as do Novo Mundo vivem febrilmente uma doença crônica; eternamente jovens, jamais são saudáveis, porém.” (LÉVI-STRAUSS, 1996a:92)

São Paulo situada ao lado das aglomerações urbanas da América, cuja característica é o desenvolvimento acelerado, preocupa o antropólogo que observava nas mudanças da metrópole paulista tanto a falta de conservação dos vestígios do passado quanto a ausência de manutenção do presente. Os prédios, bairros e regiões da cidade paulista ao se renovarem ou logo após serem construídos apresentavam marcas de desgastes e/ou estilos “démodés”. Afim de confirmar essas imagens, Lévi-Strauss apresenta uma longa descrição da organização espacial de São Paulo, atentando para a confluência de modelos arquitetônicos diversos situados no centro e para os contrastes das regiões: bairros ainda com pastos, ribanceiras e casebres de taipa ao lado de prédios de concreto, mansões luxuosas e grandes avenidas. A “fauna de pedra” – expressão cunhada por Lévi-Strauss para caracterizar a configuração da região da central – ampara, por sua vez, a elite paulista descrita como “flora urbana” em decorrência da sua variedade de papéis de sociais: “o católico, o liberal, o legitimista, o comunista [...], o gastronômico, o bibliófilo, o amador de cães (ou de cavalos) de raça, de pintura antiga, de pintura moderna [...] o erudito local, o poeta surrealista, o musicólogo, o pintor” (1996a:95). A

maneira pouco amistosa pela qual Lévi-Strauss escolhe narrar a cidade e a intelectualidade local reverbera, igualmente, nas considerações finais do capítulo, onde relata, brevemente, o ambiente acadêmico na Universidade de São Paulo.

As representações de São Paulo do livro *Tristes Trópicos* longe de evidenciar um relato sensível da cidade, mostram descrições fugazes e objetivas das experiências de Lévi-Strauss. A forma como expõe a metrópole paulista, omitindo a figura do narrador e ao mesmo tempo ressaltando comentários analíticos, torna-se perceptível ao adentrar nos seus manuscritos presentes na Biblioteca Nacional da França¹⁰. O texto original sobre São Paulo foi corrigido pelo antropólogo antes da publicação, onde retirou, alterou e suavizou algumas palavras, adjetivos e frases, de modo, a deixar as descrições menos subjetivas. Através dessas mudanças, Lévi-Strauss reconstrói o cenário urbano, tentando, assim, reproduzir, exatamente, o que viveu, porém, cabe lembrar que seus relatos se baseiam em recordações, memórias revisitadas e experiências recuperadas de quase vinte anos atrás para a produção do livro. As narrativas do antropólogo se entrecruzam, da mesma forma, com seus questionamentos recentes acerca do crescimento de São Paulo e das cidades americanas visitadas e os ressentimentos advindos do avanço da sua civilização e da homogeneização das culturas. Se de um lado, o acúmulo de sentimentos, opiniões, angústias e memórias contribui para as construções imagéticas de São Paulo, do outro, esses aspectos são encobertos pelo autor de *Tristes Trópicos* que se apoiando em descrições objetivas e impessoais, reveste suas imagens da cidade sob um olhar melancólico como consequência das transformações urbanas.

As associações entre o crescimento de São Paulo e os sentimentos angustiados frente as mudanças urbanas que apagam, alteram e ressignificam os espaços da cidade são trabalhados desde o início do livro de relatos de viagens. No decorrer da obra, o antropólogo faz inúmeros exercícios de convencimento dos seus leitores de que o mundo que viu, os indígenas que conheceu no território brasileiro assim como as tradições do Oriente estão em via de desaparecer ou sofrem significativas

¹⁰ Fonte: dossiê NAF 28150 (9) do Fundo Cl. Lévi-Strauss da Biblioteca Nacional da França.

transformações com o desenvolvimento da cultura – homogeneizante – ocidental. Não ao acaso, Lévi-Strauss recorre nos capítulos iniciais, quando descreve a vinda ao Brasil, aos relatos dos cronistas viajantes, dentre eles, Jean de Léry, Thévet, Chateaubriand, Pierre d’Ailly e Hans Staden, que conheceram as terras brasileiras no período colonial. Nos relatos desses cronistas em que aparece grandiosas paisagens repletas de florestas e indígenas, que está depositado o que o antropólogo gostaria de visualizar ao aportar no Brasil. Ao contrário das suas expectativas construídas e retrabalhadas por quase duas décadas, Lévi-Strauss conta, por meio de descrições etnográficas, os problemas enfrentados pelas tribos remanescentes, que sofriam com o alcoolismo, doenças e a perda gradual dos seus costumes. Da mesma forma que enxerga com melancolia e nostalgia o desaparecimento das sociedades estudadas na década de 1930 – problema relevante para um antropólogo preocupado com a diversidade entre as culturas – observa, apreensivamente, São Paulo bem como outras cidades as quais se modernizavam sem cuidar de preservar suas paisagens, histórias e prédios.

A continuação de um olhar.

As representações de São Paulo presentes em *Tristes Trópicos*, as quais revelam um olhar melancólico e ressentido para o desenvolvimento acelerado da cidade, se consolidam no discurso do antropólogo. Assim, nas entrevistas e produções feitas posteriormente ao livro, em que se referem à São Paulo, Lévi-Strauss continua a levantar esses mesmos aspectos para descrever a capital paulista. O tom nostálgico do antropólogo frente ao que observou – cidades, sociedades nativas, tradições e mitos – e, provavelmente, não existe mais se torna frequente nas suas exposições orais e escritas. O lamento pelo que passou conflui com as projeções futuras, de modo que quando confrontado sobre os avanços das civilizações, Lévi-Strauss concede uma única resposta: a incapacidade de realizar conjecturas sobre um mundo completamente distinto daquele que habitou. Pode-se acompanhar essas lamentações, através dos fragmentos das suas entrevistas, dentre as quais seleciono aquela concedida à Véronique Mortaigne. Na ocasião do Ano do Brasil na França (2005), Lévi-Strauss é convidado a contar sobre o período em que viveu no país assim como a relação entre seu trabalho

antropológico e as pesquisas realizadas no Brasil. Ao final da entrevista, Mortaigne pergunta à Lévi-Strauss sobre o futuro; segue a resposta do antropólogo:

“Não me pergunte nada desse gênero. Estamos num mundo ao qual já não pertencemos. O que conheci, o que amei, tinha 2,5 bilhões de habitantes. O mundo atual conta com 6 bilhões de seres humanos. Ele não é mais o meu. E o do amanhã, povoado por 9 bilhões de homens e mulheres – mesmo se for o pico de população, como nos asseguram para nos consolar -, proíbe-me qualquer previsão...” (LÉVI-STRAUSS, 2011:57)

As frustrações do antropólogo com o crescimento da sua civilização e a falta de agência, previsões ou opiniões sobre o futuro das populações marcam, portanto, seus discursos desenvolvidos após a publicação de *Tristes Trópicos* bem como seu retorno as lembranças da estadia no Brasil para a elaboração das obras fotográficas *Saudades do Brasil* (1994) e *Saudades de São Paulo* (1996). Ambas produções são compostas por fotografias e pequenos relatos do trabalho etnográfico com as tribos indígenas do Brasil e das vivências na cidade de São Paulo. O ato de rememorar essas experiências, como nos conta o autor francês no prólogo da primeira obra, lhe trazia um certo vazio, pois o que as fotografias evidenciavam a existência de seres, paisagens e acontecimentos se apagavam pouco a pouco da sua memória. Além disso, republicar algumas das imagens já apresentadas em *Tristes Trópicos* era um exercício interessante para seus leitores, que se visitassem recentemente os locais por onde Lévi-Strauss passou, certamente, não iriam reconhecer ou encontrar (LÉVI-STRAUSS, 1994:7).

Esses olhares nostálgicos sobre as experiências passadas atravessam, da mesma forma, as construções imagéticas de São Paulo dispostas nas produções fotográficas. A fim de ressaltar seus sentimentos e comentários presentes sobre o desenvolvimento da cidade paulista e suas consequências, Lévi-Strauss organiza a disposição das fotografias de São Paulo para a publicação dos livros. A partir da sequência das fotos tiradas na década de 1930, São Paulo é exposta, de um lado, como uma cidade de contrastes: imagens de regiões modernas da cidade, como a av. São João, o centro e o prédio Martinelli, avistado de diversos ângulos, em contrapartida com bairros compostos por casas baixas e terrenos baldios, e áreas de pastoreio de vacas; e do outro, enquanto uma

metrópole repleta de novas construções e renovações: bairros novos, casas à venda e avenidas e ruas em construção.

Para reforçar as construções visuais de São Paulo, tanto no prólogo de *Saudades do Brasil* quanto no prefácio de *Saudades de São Paulo*, o etnólogo francês faz referência aos estudos sobre a sociedade e língua japonesa. Contrariamente a Paris, cidade que morou grande parte da sua vida, ou Nova Iorque e São Paulo, onde viveu por alguns anos, o antropólogo visitou o Japão cinco vezes para realizar conferências acadêmicas no período de 1977-1988. Sua estadia nas cidades japonesas bem como seus contatos com os professores universitários locais e as pesquisas sobre os mitos orientais, permitiram a Lévi-Strauss adentrar intelectual e fisicamente nessa sociedade tanto quanto construir um imaginário das aglomerações urbanas japonesas, as quais são fundamentais para rever, retrabalhar e reafirmar seus olhares para São Paulo.

Dentre os diversos textos¹¹ produzidos por Lévi-Strauss em que analisa os mitos orientais e comenta sobre as viagens ao Japão, me detenho ao prefácio feito para a edição japonesa de *Tristes Trópicos* (2001). Para a abertura do seu livro de relatos de viagens publicado no Japão, Lévi-Strauss apresenta um texto onde rememora as expedições, deslocamentos, cidades visitadas e experiências vividas no território japonês. Após um breve panorama do seu encontro com essa sociedade, tece comparações com as outras regiões descritas ao longo da obra. Ao contrário do que observou e estudou das aglomerações urbanas e das populações ao redor do mundo, o antropólogo conclui que somente o Japão teve uma solução original no que concerne ao crescimento urbano. Para Lévi-Strauss, as cidades japonesas conseguiam se modernizar e ao mesmo tempo conservar os costumes e mitos, como completa no trecho abaixo:

¹¹ No arquivo do antropólogo (dossiê 221 do Fundo Cl. Lévi-Strauss da Biblioteca Nacional da France), encontrei o nome das conferências e dos textos, os quais se referem ao Japão, são eles, *Conférences données en 1977 au Japon* (1979), *Kôzô-Shiawa-Rôdô* (1979), *Communication à la séance de clôture du colloque* (1979), *Ichibari tsuite* (1984), *Trois images du folklore japonais* (1987), *Hérodote en mer de Chine* (1987), *L'Anthropologie face aux problèmes du monde moderne* (1988), *Message à la ville de Tokyo* (1988), *Place de la culture japonaise dans le monde* (1988), *Se il mondo è alla rovescia* (1989) et *Préface à : Shiyonoga Kei, Shirano to samuraitachi* (1990).

“Há quase meio século, escrevendo “Tristes Trópicos”, eu exprimia minha angústia diante dos dois perigos que ameaçam a humanidade: o esquecimento de suas raízes e seu esmagamento por seus próprios números. Entre a fidelidade ao passado e as transformações induzidas pela ciência e pelas técnicas, o Japão foi provavelmente a única nação que soube, até agora, encontrar um equilíbrio.” (LÉVI-STRAUSS, 2005: 12)

Quase ao final da vida, Lévi-Strauss encontra a resposta para seus questionamentos e suas angústias. Faltava a São Paulo bem como a outras aglomerações americanas, o equilíbrio. A harmonia e o equilíbrio entre os seres humanos, o eu e o Outro, e os indivíduos e seu meio ambiente correspondem as preocupações de Lévi-Strauss que adquirem um novo sentido em decorrência dos estudos e das viagens ao Japão. Através do imaginário construído das cidades japonesas, o antropólogo consegue elaborar suas imagens de São Paulo nos livros de fotografias, e finalmente, descobrir o que lhe aborrecia nos lugares visitados anteriormente.

As suas construções imagéticas de São Paulo, mostradas ao longo do presente artigo, são formadas, portanto, a partir de sobreposições de imagens, sentimentos e leituras, os quais auxiliam Lévi-Strauss a olhar, primeiramente, para a cidade e em seguida, reconstruí-la nas suas obras. A cidade paulista apresentada pelas lentes melancólicas do antropólogo se associam a momentos posteriores da sua trajetória pessoal e profissional, quando o recuo para as experiências em São Paulo se confundem com as angústias presentes e a tentativa, incansável, de preservar – através dos estudos etnológicos – as tradições das sociedades nativas.

Referência bibliográfica

- BRESCIANI, Maria Stella M. Reconhecer-se no “outro” – A alteridade como espelho da semelhança. In: NAXARA, Márcia, MARSON, Izabel, BREPOHL, Marion. (Org.). **Figurações do outro**. Uberlândia: EUFU, 2009
- DEBAENE, Vincent. **L’adieu au voyage. L’ethnologie française entre science et littérature**. Paris : Éditions Gallimard, 2010
- GUERRA, Abílio. **O primitivismo em Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Raul Bopp: origem e conformação no universo intelectual brasileiro**. São Paulo: Romano Guerra, 2010

- HALL, Michael. O movimento operário na Cidade de São Paulo: 1890-1954. In: PORTA, Paula (org.). **História da Cidade de São Paulo, V.3: a cidade na primeira metade do Século XX**. São Paulo: Paz e Terra, 2004
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Saudades do Brasil**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994
- _____. **Tristes Trópicos**. trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a
- _____. **Saudades de São Paulo**. Trad. Paulo Neves e organização de Ricardo Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b
- _____. Japão frente e verso. Leia o prefácio escrito pelo antropólogo à última edição japonesa de “Tristes Trópicos”, publicada em 2001. **Folha de São Paulo**, trad. Samuel Titan Jr., São Paulo, Caderno Mais, 22/05/2005, p. 12
- _____. **Longe do Brasil**. Entrevista com Véronique Mortaigne. Trad. Jorge Villela. São Paulo : Editora Unesp, 2011
- LÉVI-STRAUSS, Claude e ERIBON, D. **De perto e de longe**. São Paulo: Cosac Naify, 2005
- PARK, Robert. La ville. Propositions de recherche sur le comportement humain en milieu urbain. In : **L'école de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine**. Textes traduits et présentés par Isaac Joseph et Yves Grafmeyer. Paris: Champs Essais, 2009
- PEIXOTO, Fernanda Áreas. Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo. **Mana**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 79-107, 1998
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In. **Coleção os Pensadores**. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1978
- SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (org.). **São Paulo 1934 – 1938. Os anos da Administração Fábio Prado**. São Paulo: USP/ FAU, 1999
- SOUZA, Maria Adélia de. MetrÓpole e paisagem: caminhos e descaminhos da urbanização. In: **História da Cidade de São Paulo, V.3: a cidade na primeira metade do Século XX**. São Paulo: Paz e Terra, 2004
- WILCKEN, Patrick. **Claude Lévi-Strauss: o poeta no laboratório**. trad. Denise Bottman. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2011